



GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais – Trabalho 50

DE BRANCOS PARA NEGROS? UMA ANÁLISE LONGITUDINAL DA RECLASSIFICAÇÃO RACIAL NO ENEM 2010-2014

Adriano Souza Senkevics – INEP

Resumo

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é um exame em larga escala aplicado anualmente no Brasil e voltado principalmente a estudantes concluintes ou egressos do Ensino Médio. Entre 2010 e 2014, mais de 18 milhões de pessoas se inscreveram para o teste, a maioria delas interessada em obter uma vaga no ensino superior. Observa-se um crescimento considerável na presença de candidatos negros (pretos e pardos): nesse período, o percentual destes passou de 51% para 58%. Em vista disso, este trabalho visa investigar o que está por trás do aumento numérico de inscritos pretos e pardos por meio de uma abordagem longitudinal, na qual seguimos os mesmos indivíduos em cinco diferentes edições do Enem. Tal crescimento se deve a razões distintas: tanto uma maior proporção de negros que se inscreveram pela primeira vez, como também uma quantidade considerável de pretos e pardos que nele se inscreveram mais de uma ou duas vezes. Além disso, os resultados captam a ocorrência de reclassificação racial entre distintas edições do exame, a qual tem resultado em um aumento relativo de negros em detrimento das demais categorias. Logo, reunimos diversos fatores procurando entender como o perfil dos inscritos no Enem tem mudado ao longo do tempo, bem como o peso da reclassificação racial nesse processo.

Palavras-Chave: autodeclaração racial, cor/raça, Exame Nacional do Ensino Médio

Introdução

No centro das preocupações políticas em educação na atualidade, a expansão das vagas e matrículas no ensino superior tem ensejado uma série de debates, por vezes calorosos, na sociedade brasileira acerca dos limites e possibilidades de se intensificar processos de inclusão social em um nível de ensino historicamente elitizado (GOMES; MORAES, 2012). Não por acaso, a ampliação do acesso ao nível universitário, em vigor desde 1995, tem ocorrido em conjunto com a progressiva implantação de políticas inclusivas a partir de meados da década passada, a exemplo do Programa Universidade para Todos (Prouni), do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), da expansão do Fundo de Financiamento Estudantil

(Fies) e da promulgação da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), entre outras (NEVES; MARTINS, 2016). Ao lado disso, a adoção de tais medidas caminhou em paralelo à gradativa unificação dos processos seletivos, sobretudo para as instituições federais de ensino superior, por meio do Sistema de Seleção Unificado (Sisu), que, por sua vez, desde sua origem se utiliza dos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), produzidos anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Criado em 1998 com a finalidade de avaliar o desempenho individual dos concluintes do ensino médio, e, desde 2009, reformulado para o formato atual, o Enem tem adquirido novas finalidades e uma crescente importância no cenário educacional brasileiro. Desde o seu surgimento, o exame é realizado anualmente e obtém dados de cor/raça de seus inscritos. Até 2009, essa coleta acontecia por meio de questionário entregue ao candidato no ato da inscrição. De 2010 em diante, passou-se a adotar o sistema de inscrição em ambiente virtual, que tornou obrigatório o preenchimento do quesito cor/raça, apresentado nas telas iniciais do sistema como condição para efetivar a inscrição, de modo que eventuais perdas de informação racial limitaram-se ao fenômeno da não declaração deliberadamente assinalada pelos respondentes – em tempo, percentuais bastante diminutos de candidatos têm optado por não declarar nenhum pertencimento racial, em valores que caíram de 3,3% em 2010 para 1,6% quatro anos depois (SENKEVICS; MACHADO; OLIVEIRA, 2016). Acredita-se que essa queda sinalize para uma tendência, descrita pela literatura desde as últimas décadas (OSÓRIO, 2013), de redução da não declaração à medida que as categorias raciais tornam-se mais fluentes entre a população, fenômeno que ensejaria, com menos receio ou recusa, formas de identificação étnico-racial.

De 2010 em diante, ademais, é possível constatar uma forte tendência de alteração no perfil dos candidatos ao exame. Pelo Gráfico 1, nota-se um crescimento na proporção de negros (aqui entendidos como o conjunto de pretos e pardos) entre os inscritos no Enem. Em 2010, negros somavam 50,8% dos inscritos, e os brancos, 43,1%. Quatro anos depois, essa diferença, de apenas 7,7 pontos percentuais (p.p.), cresceu para 20,2 p.p., com os negros chegando a 57,9% e os brancos a 37,7% dos inscritos. Desagregando a categoria “negro”, vemos que essa elevação se deve principalmente a pardos, que passaram de 39,0% para 45,1%, e assim cruzam a curva dos brancos em 2012. Pretos, por sua vez, aumentaram apenas um p.p. no período

considerado, de modo que sua tendência foi de estabilização seguida por um leve incremento nos dois últimos anos.

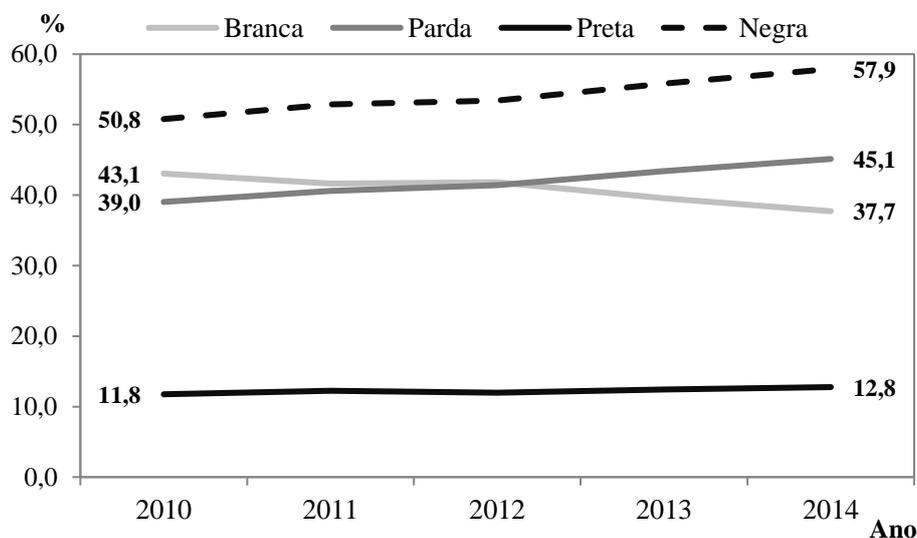


Gráfico 1 – Frequência relativa de inscritos no Enem segundo a cor/raça – 2010-2014

Fonte: Microdados Enem (Inep). Elaboração própria.

Ainda que os números não deixem dúvida acerca da tendência de incremento na participação de pretos e pardos nas últimas edições do Enem, em paralelo à redução na frequência relativa de brancos, compreender as causas desse fenômeno exige dirigir o olhar sobre distintos fatores que, conjugados, podem fornecer pistas para as alterações no perfil dos inscritos no exame. É preciso reconhecer que tal transformação pode responder a diversas forças sociais, em virtude das múltiplas finalidades que o exame adquiriu depois de 2009. No entanto, entendemos que, por ser a seleção de ingressantes para o ensino superior sua principal aplicação, compreender tendências relativas às origens e destinos dos candidatos é a chave para deslindar a que movimentos o Enem tem reverberado.

Nesse sentido, o primeiro caminho para compreender as alterações no perfil dos inscritos é investigar quem são os indivíduos que têm buscado, por meio do Enem, uma oportunidade de acesso a um sistema de ensino em vias de massificação – questão imprescindível para compreender como se passou de 4,7 para 8,6 milhões de inscritos em apenas cinco anos. Além disso, reconhecemos que o gargalo de acesso ao nível superior impossibilita que todos os candidatos consigam obter uma vaga em seus cursos e instituições de interesse. Conseqüentemente, é provável que inúmeros candidatos sejam forçados a se inscrever em mais de uma edição do Enem, com o intuito de, senão

em sua primeira vez, buscar em outras tentativas a oportunidade de lograr uma vitória outrora frustrada. Pesquisas recentes indicam que as contradições entre o aumento na presença de negros no ensino superior e, ao mesmo tempo, a persistência de desigualdades étnico-raciais e socioeconômicas (e.g. ARTES; RICOLDI, 2015; LIMA; PRATES, 2015) ilustram o quão vívido está o cenário da inclusão de pretos e pardos na educação superior, contexto que certamente influencia o perfil dos inscritos no Enem.

Em paralelo a isso, observa-se um fenômeno de escurecimento na classificação racial da população brasileira, sabidamente decorrente não apenas das taxas de natalidade ou de cruzamentos inter-raciais, mas principalmente de um processo de ressignificação identitária na esteira de um esforço de combate ao racismo e de afirmação da cultura afro-brasileira, o qual resultaria na maior assunção do pertencimento negro (PETRUCCELLI, 2002; SOARES, 2008). Tais movimentos são particularmente relevantes no cenário da educação superior, palco de uma gama de políticas de ação afirmativa implantadas desde a década passada por iniciativas locais e regionais (DAFLON; FERES JÚNIOR; CAMPOS, 2013) e a partir de 2012 em âmbito nacional, em torno das quais se disputa possíveis sentidos para o escurecimento populacional: ora visto como fruto legítimo das lutas antirracistas, ora denunciado como “fraude” nos sistemas de bonificação e reserva de vagas.

É bem possível, assim, que esses três fatores – o crescimento numérico de inscritos, a reiteração nas inscrições por parte dos mesmos indivíduos, e a reclassificação racial com tendências de escurecimento da declaração de cor ou raça – possam estar convergindo para o incremento na participação de pretos e pardos nas últimas edições do Enem. Para além de aventar tais hipóteses, resta colocá-las em discussão e testá-las empiricamente, a fim de compreender o peso de cada um desses fatores sobre o fenômeno em tela. Em vista das considerações apresentadas, o objetivo deste trabalho é investigar o fenômeno do crescimento no número de inscritos negros no Enem, com especial atenção para os pardos, entre 2010 e 2014. Por meio de uma análise longitudinal que permite acompanhar cada um dos indivíduos por cinco edições sucessivas do exame, esperamos contribuir para compreender as razões por trás das transformações no perfil racial dos inscritos no Enem e, assim, iluminar disparidades educacionais entre distintos grupos de cor/raça no Brasil contemporâneo.

Metodologia

Para a realização deste estudo, de natureza quantitativa, contamos essencialmente com o cruzamento e análise de bases de dados educacionais mantidas pelo Inep. Definimos como o universo de análise o conjunto dos inscritos no Enem entre 2010 e 2014. Optamos por nos restringir a esse período visto que, até 2009, a obtenção do dado de cor/raça ocorria por meio de questionário impresso sujeito a elevadas taxas de não retorno por parte dos respondentes. Ademais, o ano de 2014 é particularmente interessante para o estudo em razão de ter concentrado o recorde de inscrições no Enem: apenas nessa edição, aproximadamente 8,7 milhões de pessoas se inscreveram para a realização do exame.

Entre 2010 e 2014, no formulário do sistema de inscrição do Enem, as categorias de cor ou raça eram apresentadas por meio de um campo intitulado “Cor/Raça”, acompanhado de um menu de rolagem que apresentava seis opções de resposta na seguinte ordem: “Branco”, “Preto”, “Pardo”, “Amarelo”, “Índigena” e “Não declarado”. Trata-se de um instrumento orientado para ser autodeclarado e autopreenchido, isto é, cujas informações devem ser declaradas e preenchidas pelos próprios respondentes. Há de se ressaltar que a sexta opção de resposta apresentada – a categoria de não declaração racial – foi introduzida após a adoção do formulário em meio eletrônico, ação que tornou obrigatório o preenchimento do quesito cor/raça e que, ao mesmo tempo, permitiu que a não declaração fosse uma opção válida de resposta (SENKEVICS; MACHADO; OLIVEIRA, 2016).

Definido o universo de análise, o primeiro passo foi a elaboração da base de dados para o estudo. Por meio do pacote estatístico SAS (*Statistical Analysis Software*), montamos uma base de dados que reunia dados do formulário de inscrição e do questionário socioeconômico dos cerca de 18 milhões de indivíduos que haviam se inscrito no Enem no período considerado. Para tanto, utilizamos como chave de ligação o Cadastro de Pessoa Física (CPF) dos indivíduos, variável que permite identificar, pelas distintas edições do exame, a presença de cada um dos indivíduos e, assim, organizar seus dados longitudinalmente, de modo que cada linha da base de dados contivesse um indivíduo para o qual adicionamos sucessivas colunas com informações do Enem de 2010 a 2014.

Seguindo tal empreendimento, construímos uma base de dados com informações de todos os inscritos no Enem entre 2010 e 2014, totalizando 18.285.433

indivíduos. Após a aplicação de um conjunto de regras de consistência¹, excluímos 22.271 casos de nosso estudo, equivalentes a 0,12% do total, e chegamos a uma base final de 18.263.162 indivíduos. Dispondo desse material, realizamos as análises por meio do pacote estatístico SPSS (*Statistics Package for Social Scientists*), cujos resultados foram posteriormente organizados e tratados nas planilhas do *Microsoft Excel*. Este foi o ponto de partida para o nosso estudo.

Para preparar as análises longitudinais, chamamos de *ano de coorte* a primeira edição do Enem para a qual um dado indivíduo se inscreveu. A partir disso, definimos sua declaração racial no ano de coorte como sua *cor/raça inicial*. Em caso de esse indivíduo ter se inscrito em mais de uma edição do exame (44,6% do total), chamamos de *cor/raça final* sua última declaração racial. Essas designações se mostraram fundamentais para captar variações nas declarações raciais entre distintas edições do exame, bem como calcular quantas marcações distintas de cor/raça cada indivíduo havia declarado. Por fim, contabilizamos a quantidade de inscrições realizadas por cada candidato.

Entre os 18 milhões de inscritos, destacamos as seguintes informações gerais, atribuídas aos indivíduos a partir de seus respectivos anos de coorte: há notadamente uma maioria feminina (58,2%); a faixa etária entre 16 e 19 anos corresponde a quase metade (47,9%) dos inscritos; as unidades federativas que mais concentram inscrições estão representadas por São Paulo (18,4%), Minas Gerais (10,9%), Rio de Janeiro (7,2%) e Bahia (7,2%); os egressos do Ensino Médio correspondem a 41,5% dos inscritos, seguidos por 32,6% de concluintes; quanto à escolaridade da mãe (ou da responsável do sexo feminino), mais da metade dos inscritos apresentavam mães com o Ensino Fundamental como o mais elevado grau de escolaridade (58,0%), seguido do Ensino Médio (25,8%) e do Ensino Superior (8,2%). Em razão das limitações de espaço, optamos por priorizar, neste estudo, a análise das declarações raciais propriamente ditas (com ênfase em brancos, pretos e pardos) e, portanto, não apresentaremos o cruzamento da variável cor/raça com outras possíveis categorias de análise.

¹ Excluímos os casos que apresentavam inconsistência longitudinal entre sexo e data de nascimento, dados faltantes de qualquer uma das variáveis consideradas para a análise, e idade inferior a 12 e superior a 100 anos.

Para finalizar esta seção, é essencial mencionar os trâmites necessários para se trabalhar com dados protegidos. Para utilizar uma informação pessoal sensível (no caso, o CPF dos ingressantes), foi solicitada a autorização do Inep nos termos da Portaria nº 467, de 19 de setembro de 2014, concedida aos pesquisadores em 26 de fevereiro de 2016, que permite o uso dessas informações para estudos com fins científicos e assevera que os resultados divulgados não identifiquem os sujeitos presentes em tais bases de dados. Nesse sentido, frisamos que os resultados aqui apresentados estão em conformidade com esses preceitos legais e éticos, na medida em que preservam o sigilo das informações pessoais e a identificação dos candidatos.

Resultados e Discussão

Para compreender o processo por trás do crescimento no número de inscritos negros, especialmente os pardos, entre 2010 e 2014 nas edições do Enem, é primordial isolar os possíveis fatores e analisá-los separadamente para, em seguida, conjugá-los na explicação do fenômeno social estudado. Assim, organizamos esta seção em quatro subseções: na primeira delas, discorremos sobre a participação crescente de novos inscritos pretos e pardos no Enem; na segunda, discutimos o contingente de indivíduos que se inscreveram para o exame mais de uma vez e procuramos caracterizar tais padrões de acordo com a cor ou raça; na terceira, debruçamo-nos sobre a reclassificação racial propriamente dita, visando quantificar as flutuações nas declarações raciais e identificar possíveis tendências de escurecimento ou de embranquecimento ao longo dos anos; por fim, a quarta subseção leva em conta as análises empreendidas nas três anteriores para estimar o peso de cada um desses fatores sobre o perfil racial dos inscritos do Enem 2014.

Alterações no perfil dos novos inscritos

O primeiro passo para analisar a tendência de escurecimento da composição racial dos inscritos no Enem é verificar qual é o acréscimo de pretos e pardos a cada edição do exame. No entanto, é preciso ter cautela: constatar a elevação no percentual de pretos e pardos ao longo das edições do Enem não nos permite concluir, de imediato, que há cada vez mais pretos e pardos se inscrevendo para a realização do exame. Antes, é preciso revelar quantos desses candidatos são, de fato, “novos inscritos”, ou seja, qual é o número de indivíduos que estão se inscrevendo pela primeira vez a cada edição do exame. Além do mais, também devemos iluminar quantos desses “novos inscritos” se

inscreveram apenas uma vez, haja vista que, para esse contingente cujo único ano de inscrição é o seu próprio ano de coorte, não será possível caracterizar a reclassificação racial.

Ilustramos, no Gráfico 2, o quantitativo total de inscrições a cada edição do Enem, acompanhado do respectivo número de “novos inscritos” e de “novos inscritos” com única inscrição. Se, em 2010, o quantitativo total de inscritos é idêntico ao número de “novos inscritos”, por ser este a linha de base de nosso estudo, percebe-se que, a cada edição do exame, o número de “novos inscritos” se distancia do total de inscrições. Isso significa que há uma gradativa concentração de “velhos inscritos” a cada ano, isto é, um aumento no número de inscritos cujo ano de coorte é anterior à inscrição em dado ano.

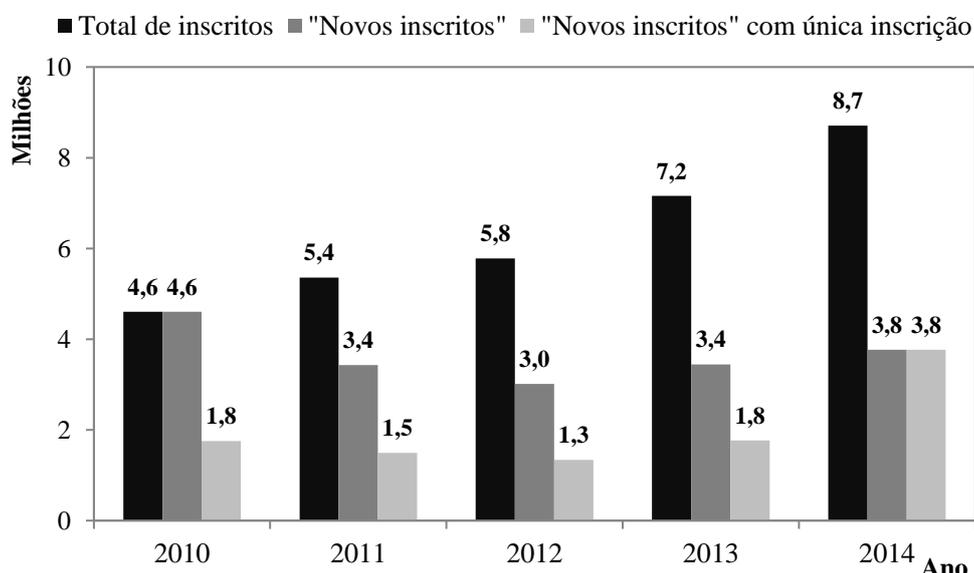


Gráfico 2 – Quantitativo total de inscritos, de “novos inscritos” e de “novos inscritos” que se inscreveram apenas uma vez no Enem – 2010-2014

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

Com exceção de 2010, em que aproximadamente 4,6 milhões de indivíduos se inscreveram naquele ano, nas demais edições do exame entre 3,0 e 3,8 milhões de indivíduos se inscreveram pela primeira vez. Em tendência crescente, esse contingente de “novos inscritos” se soma a uma quantidade significativa de indivíduos que já haviam realizado alguma inscrição em anos anteriores, razão pela qual se nota um crescimento quase linear no total de inscrições. Essa constatação é particularmente relevante para 2014, ano em que, dos 8,7 milhões de inscritos, cerca de 4,9 milhões já haviam se inscrito pela primeira vez em edições anteriores – em outras palavras, para a maioria dos inscritos nessa edição, seu ano de coorte é anterior ao ano de 2014.

É preciso analisar, assim, qual é o perfil racial do contingente de “novos inscritos” (Gráfico 3). Vê-se que, de fato, ao longo das edições há um aumento no número de inscritos que se declararam pardos, mas não no de pretos. Entre os primeiros, cresce de 39,0% para 44,3% sua participação no exame, ao passo que, entre os segundos, há uma leve queda de apenas 0,2 p.p. Quanto aos brancos, há uma queda de 43,1% para 39,7% nos cinco anos estudados, de modo que, em 2013, ocorre a inversão das curvas de brancos e pardos.

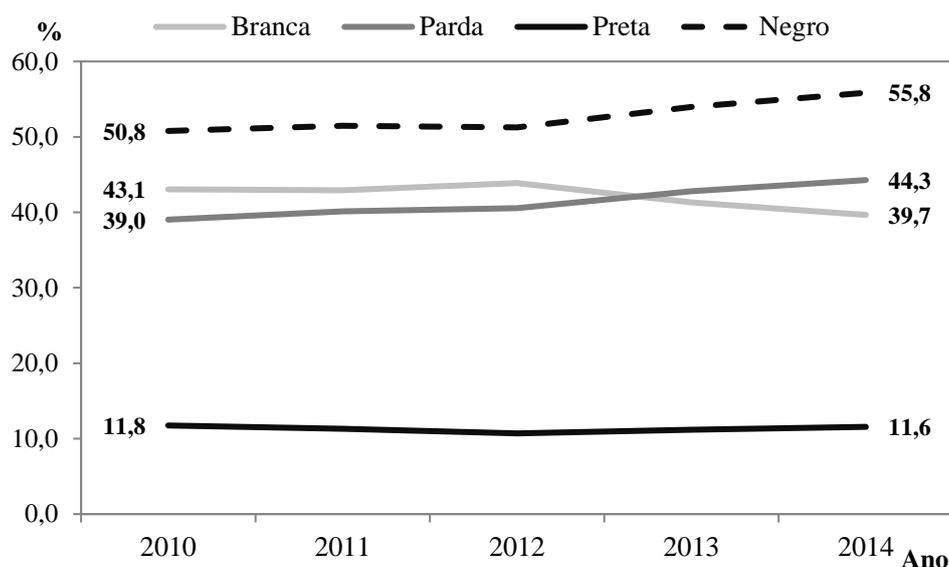


Gráfico 3 – Frequência relativa de “novos inscritos” no Enem (indivíduos que se inscreveram pela primeira vez em dado ano), segundo a cor/raça – 2010-2014

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

Porém, como demonstramos, parte desses “novos inscritos” corresponde a indivíduos que realizaram apenas uma inscrição no exame, população sobre a qual não se aplica o debate sobre a reclassificação racial entre as distintas edições. Para investigar as alterações no perfil desse conjunto de inscritos, ilustramos no Gráfico 4 a frequência relativa destes por cor/raça. Nota-se uma transformação ainda mais brusca que a observada na figura acima. Brancos caem de 47,8% para 39,7% no período analisado, ao mesmo tempo em que pardos passam de 36,0% para 44,3% e pretos de 10,2% para 11,6%.

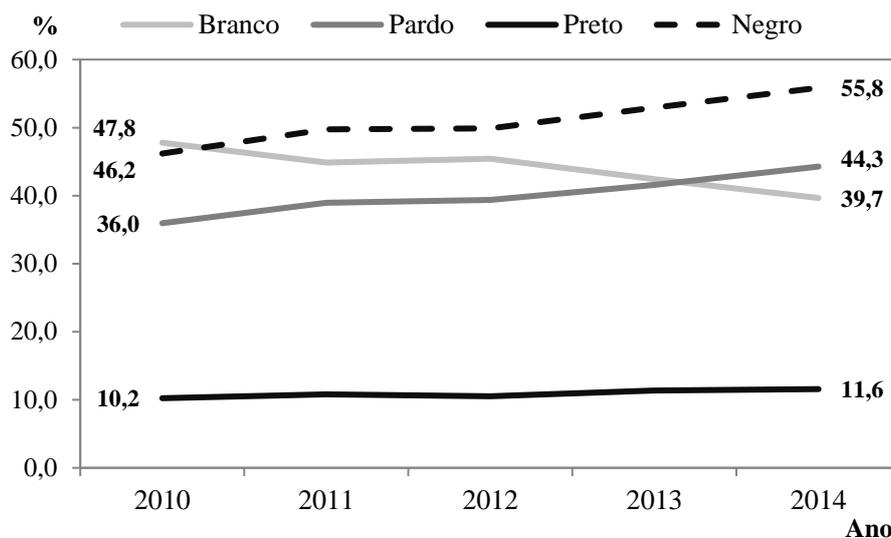


Gráfico 4 – Frequência relativa de indivíduos que realizaram apenas uma inscrição no Enem, segundo a cor/raça – 2010-2014

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

Dessa forma, é possível concluir que, de fato, há um crescimento expressivo de negros, motivado especialmente pelo aumento absoluto e relativo de pardos, entre os inscritos no exame. Entretanto, por termos demonstrado que, a cada ano que passa, o peso dos “velhos inscritos” aumenta, é necessário analisar, como faremos no tópico seguinte, como o perfil desses indivíduos com mais de uma inscrição tem se alterado no período analisado.

Mesmo indivíduo, numerosas inscrições

Entre 2011 e 2014, a quantidade de indivíduos que já haviam realizado uma inscrição em alguma edição anterior do Enem foi, respectivamente, de 2,0, 2,8, 3,8 e, finalmente, 4,9 milhões, tal como podemos deduzir do Gráfico 2 acima. É preciso reconhecer, no entanto, que um mesmo indivíduo dessa população pode ter se inscrito de duas a cinco vezes, tendo em vista que, até então, não há limite de inscrições por indivíduo, desde que sejam atendidos os critérios para a confirmação da mesma (pagamento da taxa de inscrição ou, dependendo do caso, confirmação do direito à isenção da taxa). Para explorar o número de inscrições efetuadas por cada indivíduo, apresentamos tais frequências relativas no Gráfico 5.

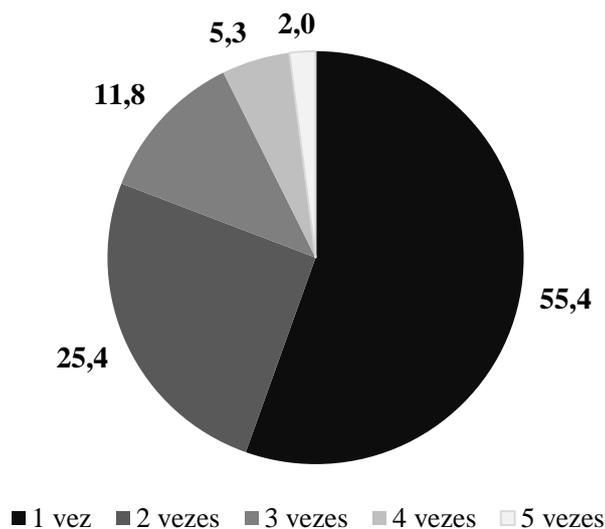


Gráfico 5 – Frequência relativa da quantidade de vezes que cada indivíduo se inscreveu no Enem – 2010-2014

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

Se, por um lado, a maioria dos indivíduos se inscreveu uma única vez no exame (pouco mais de 10,1 milhões de inscritos ou 55,4% do total), por outro lado, é significativo o percentual de candidatos que apresentou mais de uma inscrição no período considerado: cerca de 8,1 milhões de inscritos ou 44,6% do total. Destes, nota-se que um quarto do total se inscreveu em apenas duas edições do Enem e somente 2,0% se inscreveu em todas as edições analisadas; embora relativamente pequeno, esse percentual corresponde a um quantitativo de quase 370 mil inscritos.

No Gráfico 6, apresentamos o percentual de brancos, pardos e pretos de acordo com a quantidade de vezes que cada indivíduo se inscreveu no exame.

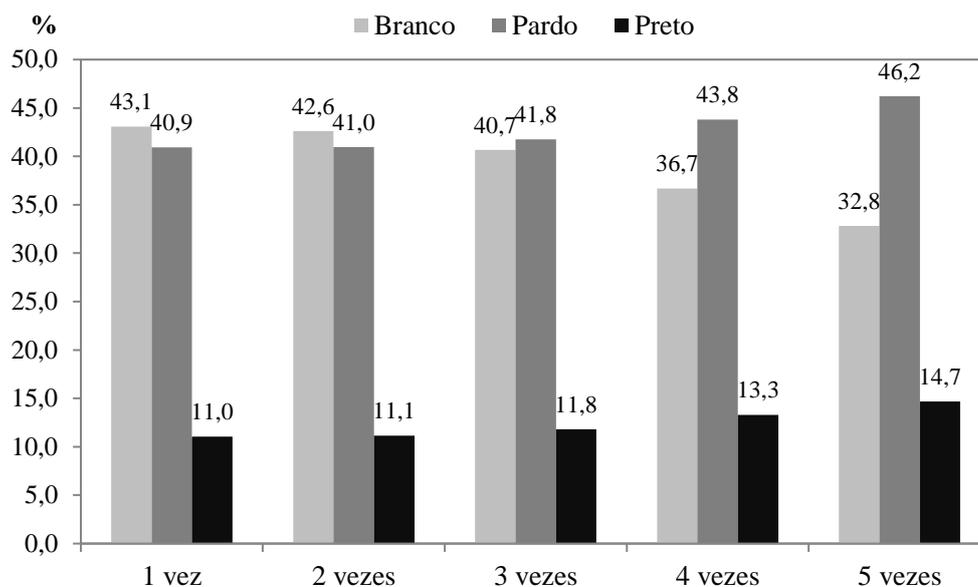


Gráfico 6 – Frequência relativa de brancos, pardos e pretos, segundo a quantidade de vezes que cada indivíduo se inscreveu no Enem – 2010-2014

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

Entre o contingente de indivíduos que se inscreveu uma ou duas vezes no Enem, não se nota diferenças substanciais em suas composições raciais: há somente um decréscimo de 0,5 p.p. de brancos e um acréscimo de 0,2 p.p. de pardos e de 0,1 p.p. de pretos. Os contrastes, contudo, passam a ser evidenciados quando consideramos a população que se inscreveu três ou mais vezes. Entre estes, amplificam-se visivelmente as distâncias entre brancos e pardos, chegando ao percentual de 46,2% de pardos para 32,8% de brancos entre os indivíduos que se inscreveram nas cinco edições do exame. Negros, que somaram 51,9% entre os indivíduos de única inscrição, perfazem 60,9% daqueles com cinco inscrições. Com isso, percebe-se que a permanência dos mesmos indivíduos ao longo das edições do exame tende a resultar num aumento relativo de pretos e pardos entre os inscritos.

Entender esse processo de escurecimento implica, primeiramente, diferenciar o quanto desse fenômeno se deve à simples permanência de pretos e pardos em edições sucessivas do exame, e o quanto se deve à reclassificação racial, que tenderia, como uma hipótese, a ocasionar uma redução na frequência relativa de determinadas categorias em prol da frequência relativa de pretos e pardos. Portanto, antes de verificar o efeito das reclassificações raciais, é necessário destrinchar as alterações, a cada ano, no perfil dos indivíduos que apresentaram mais de uma inscrição e que não alteraram sua declaração racial entre sua cor/raça inicial e sua cor/raça final (Gráfico 7).

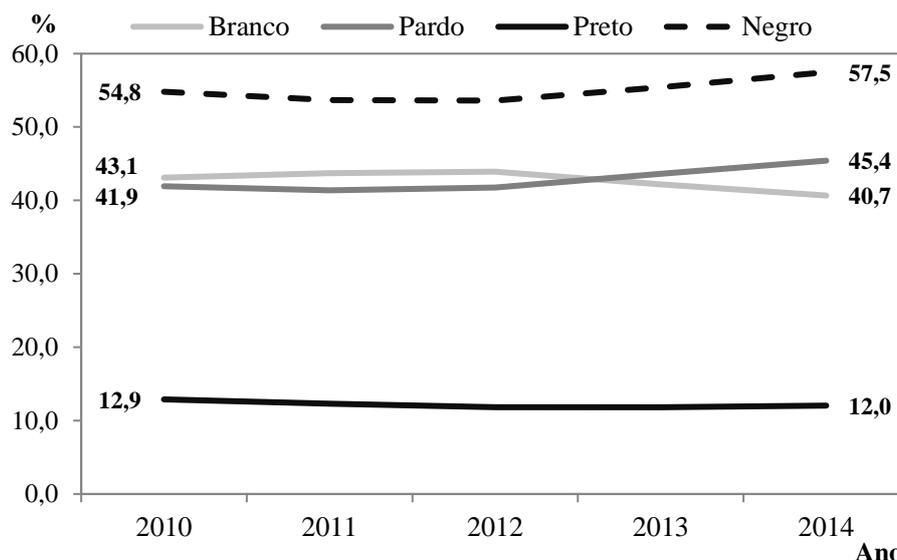


Gráfico 7 – Frequência relativa de indivíduos que realizaram mais de uma inscrição no Enem, segundo a cor/raça – 2010-2014

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

Resumidamente, nota-se que há um aumento no percentual de pardos e, em contrapartida, uma redução no percentual de brancos e pretos. Comparado ao Gráfico 4, esses dados sugerem que o crescimento numérico da população negra é mais expressivo entre os que realizaram somente uma inscrição do que entre os que realizaram mais de uma inscrição. Pelo que se depreende das oscilações nos percentuais de todos os grupos entre 2010 e 2013, pode-se concluir que a permanência de pretos e pardos entre aqueles que se inscreveram numerosas vezes parece apresentar algum efeito apenas no final do período analisado, quando, por fim, a curva dos negros mostra-se ascendente, tendo sido quase que exclusivamente propulsionada pelos pardos. Resta saber, entre os que realizaram mais de uma inscrição e alteraram sua declaração racial nesse ínterim, para qual sentido a reclassificação racial aponta.

Reclassificação racial

Para analisarmos o fenômeno da reclassificação racial entre os inscritos no Enem, trata-se de um pré-requisito a inscrição em mais de uma edição do exame. Em vista disso, os resultados apresentados abaixo se referem apenas ao contingente de 44,6% (ou 8,1 milhões) dos indivíduos que realizaram pelo menos duas inscrições no Enem no período estudado. Analisemos, na Tabela 1, como se apresentam as concordâncias e discordâncias na declaração racial dos inscritos entre anos consecutivos do exame. Em média, percebe-se que aproximadamente um quinto desses inscritos

altera sua cor ou raça declarada entre anos subsequentes, fenômeno que aponta para certa instabilidade na classificação racial.

Tabela 1 – Comparação (%) na declaração racial dos inscritos no Enem entre anos consecutivos – 2010-2014

Comparação	2010-2011	2011-2012	2012-2013	2013-2014
Concordância	80,5	81,5	81,8	81,7
Discordância	19,5	18,5	18,2	18,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

Esses valores se assemelham aos encontrados por Braga e Peixoto (2008) ao analisar a declaração racial dos candidatos ao vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) entre 2003 e 2006. Também foram estes os números encontrados por Senkevics (2017), quase uma década depois, ao cotejar a classificação racial dos ingressantes das Instituições Federais de Educação Superior (Ifes) a partir da comparação entre três edições do Censo da Educação Superior (2012, 2013 e 2014) e as três edições imediatamente anteriores do Enem (2011, 2012 e 2013)².

Considerando as cinco edições do exame, 74,4% dos inscritos apresentaram uma única marcação de cor/raça, ao passo que 24,3% apresentaram duas e 1,3% apresentou três (Gráfico 8). Vale adicionar que, entre os indivíduos com mais de uma inscrição no Enem, 57,0% deles se inscreveu apenas duas vezes, ao passo que 26,6% se inscreveu três vezes; percentuais não desprezíveis deles se inscreveram quatro (11,9%) ou cinco vezes (4,5%). Mesmo assim, quando há mais de duas inscrições no exame, a quantidade de marcações distintas de cor/raça costuma se restringir a uma ou, no máximo, duas. Ao que parece, a instabilidade na classificação racial limita-se geralmente a duas marcações distintas, sendo infrequentes os demais casos.

² Importa notar que, nesse último caso, obtém-se a concordância ou discordância na declaração racial entre instrumentos distintos – Enem e Censo da Educação Superior –, os quais se diferem quanto à forma de preenchimento da informação de cor/raça, embora ambos sejam, em tese, autodeclarados.

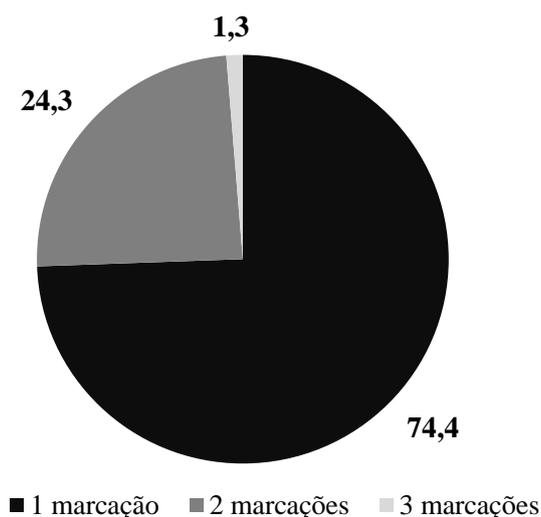


Gráfico 8 – Frequência relativa de marcações distintas de cor/raça entre os indivíduos que se inscreveram para mais de uma edição do Enem – 2010-2014

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

Procurando avançar na compreensão dessas flutuações na declaração racial, é preciso explorar como elas se distribuem por cada cor/raça e em quais sentidos. Para tanto, a Tabela 2 exhibe os pares de combinação entre brancos, pardos, pretos e outros (amarelos, indígenas e não declarados), considerando a cor/raça inicial (no ano de coorte) e a cor/raça final (na última edição para a qual o indivíduo se inscreveu).

Tabela 2 – Frequência absoluta (n) e relativa (%) dos pares de combinações entre cor/raça inicial e cor/raça final dos indivíduos com mais de uma inscrição no Enem – 2010-2014

Combinações de cor/raça inicial e final	Frequência		
	n	% cor/raça	% total
Branca-Branca	2.780.865	83,5	34,2
Branca-Parda	439.395	13,2	5,4
Branca-Preta	21.552	0,6	0,3
Branca-Outra	90.469	2,7	1,1
Parda-Branca	295.871	8,7	3,6
Parda-Parda	2.715.601	79,9	33,4
Parda-Preta	271.799	8,0	3,3
Parda-Outra	113.587	3,3	1,4
Preta-Branca	11.193	1,2	0,1
Preta-Parda	195.735	20,5	2,4
Preta-Preta	731.876	76,6	9,0
Preta-Outra	16.143	1,7	0,2
Outra-Branca	91.101	20,1	1,1
Outra-Parda	184.053	40,6	2,3
Outra-Preta	38.046	8,4	0,5
Outra-Outra	139.589	30,8	1,7
Total	8.136.875	-	100,0

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

Partindo dos brancos, vê-se que a reclassificação racial acontece especialmente para pardos (13,2%) e apenas residualmente para pretos (0,6%). Quanto aos pretos, padrão semelhante é encontrado: embora somente 1,2% dos pretos tenha se reclassificado para brancos, chama a atenção que 20,5% deles se reclassificou para pardos, ilustrando um movimento de relativo embranquecimento entre distintas edições do Enem. Quanto aos pardos, percentuais similares são apresentados entre aqueles que se reclassificam como brancos (8,7%) ou pretos (8,0%), fenômeno que corrobora a noção de que pardos ocupam uma posição peculiar no “gradiente de cor”, na condição de representantes das misturas raciais em suas diferentes possibilidades. No conjunto, é notável que 76,5% dos brancos, pardos e pretos tenham mantido sua mesma declaração racial entre os dois momentos.

De 2010 a 2014: um balanço dos três fatores

Feitas as análises para cada um dos fatores isolados, analisaremos, para finalizar, a conjugação destes visando compreender qual é o peso de cada um na composição racial dos inscritos em 2014³. Em referência aos três fatores analisados, sintetizamos, no Quadro 1, três grupos de inscritos para a edição de 2014, classificados em função do seu ano de coorte e de suas marcações de cor/raça.

Quadro 1 – Classificação dos inscritos do Enem 2014 de acordo com o grupo, acompanhado de suas respectivas frequências absolutas (n) e relativas (%)

Grupo	Definição	Frequência	
		n	%
1	Ano de coorte é a própria edição de 2014	3.769.188	43,3
2	Ano de coorte anterior à edição de 2014; cor/raça inicial idêntica à cor/raça final	3.812.886	43,8
3	Ano de coorte anterior à edição de 2014; cor/raça inicial diferente da cor/raça final	1.124.504	12,9
Total		8.706.578	100,0

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

No Grupo 1, constam os “novos inscritos” com única inscrição, isto é, os indivíduos cujo ano de coorte é a própria edição do Enem 2014; no Grupo 2, os indivíduos que apresentavam alguma inscrição em edição anterior do Enem (ou seja, seu ano de coorte é anterior à edição de 2014) e que não haviam alterado sua declaração racial entre o ano de coorte e o ano de 2014 (sua cor/raça inicial é idêntica à sua cor/raça

³ Optamos por nos restringir a esse ano em razão dele ser, em parte, o produto das edições anteriores e por concentrar o maior contingente de inscritos.

final); por fim, o Grupo 3 congrega os indivíduos que apresentavam alguma inscrição em edição anterior do Enem e que haviam alterado sua declaração racial entre o ano de corte e o ano de 2014 (sua cor/raça inicial é diferente de sua cor/raça final).

Esses dados nos permitem afirmar que, por serem similares os quantitativos dos Grupos 1 e 2, a população de inscritos do Enem 2014 que apresentou apenas uma cor/raça nos cinco anos analisados divide-se em duas partes: cerca de metade deles se inscreveu pela primeira vez em 2014, enquanto a outra metade já havia se inscrito em edição anterior. Do mais, 12,9% dos inscritos no ano em questão são oriundos de reclassificação racial a partir de uma cor/raça declarada inicialmente em edições prévias do exame. Analisemos, na Tabela 3, como as cores ou raças se distribuem dentro de cada um dos grupos no Enem 2014.

Tabela 3 – Frequência absoluta (n) e relativa (%) dos inscritos por cor/raça, segundo o grupo classificado no Enem 2014

Cor/Raça	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3	
	n	%	n	%	n	%
Branca	1.494.725	39,7	1.550.640	40,7	238.611	21,2
Parda	1.668.795	44,3	1.731.822	45,4	528.905	47,0
Preta	436.231	11,6	459.356	12,0	216.042	19,2
Outros	169.437	4,5	71.068	1,9	140.946	12,5
Total	3.769.188	100,0	3.812.886	100,0	1.124.504	100,0

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

Há uma visível semelhança entre o perfil racial dos Grupos 1 e 2: em ambos, percebe-se que o percentual de brancos gira em torno 40,0%, ao passo que o de pardos se encontra na faixa dos 45,0%; pretos, por seu turno, não superam 12,0%. No entanto, dentro do Grupo 3, é possível atestar que o percentual de pardos aumenta para 47,0% e o de pretos 19,2%. Já os brancos compõem o único contingente que tem sua representatividade reduzida para 21,2% no Grupo 3.

Não basta, em contrapartida, constatar que 12,9% dos inscritos do Enem 2014 apresentaram declarações raciais distintas em edições anteriores do exame, e que tal contingente é composto majoritariamente por negros (66,2%), sem destrinchar os ganhos e perdas líquidos entre as edições. Afinal de contas, ao descrevermos que há uma reclassificação racial incidente sobre mais de um décimo dos inscritos, é preciso visualizar em quais sentidos tais flutuações na cor ou raça acontecem, se tendendo para um equilíbrio das marcações de cor/raça ou se enviesando para algum lado, quer seja do

embranquecimento ou do escurecimento. Para tanto, a Tabela 4 sintetiza o saldo, entre ganhos e perdas líquidos, entre a cor/raça inicial e a cor/raça final dos inscritos de 2014.

Tabela 4 – Saldo da reclassificação racial (em p.p.) entre a cor/raça inicial (no ano de coorte) e a cor/raça final (no ano de 2014)

Cor/Raça	Ganho	Perda	Saldo (Ganho – Perda)
Branca	2,74	4,06	-1,32
Parda	6,07	4,92	1,16
Preta	2,48	1,65	0,83
Amarela	0,83	0,85	-0,02
Indígena	0,18	0,27	-0,09
Não declarada	0,61	1,16	-0,56

Fonte: Enem (Inep). Elaboração própria.

Percebe-se que as únicas categorias de cor/raça que apresentaram saldos positivos foram pretos e pardos; quanto as demais, foram observados saldos negativos. Com base nesses cálculos, conclui-se que, em razão da reclassificação racial entre edições do Enem, a frequência relativa de negros (pretos e pardos) apresentou-se 1,99 p.p. maior do que seria caso não houve alterações na declaração racial de um mesmo indivíduo. A despeito desse achado, é inegável que são os quantitativos de “novos” e de “velhos” inscritos com somente uma declaração racial, os quais têm indubitavelmente se escurecendo ao longo do tempo por questões outras que não a reclassificação racial entre edições do Enem, que respondem pela maior parte do incremento na participação de negros entre os inscritos no exame. Não é a realização do Enem, pois, que tem “escurecido” os candidatos; ao que parece, o Enem tem simplesmente captado uma maior presença de negros que já se percebiam como tais antes da inscrição no exame.

Considerações finais

Estudos sobre incertezas e flutuações nas declarações raciais no Brasil, muito embora não sejam numerosos, têm trazido valiosos achados. De modo geral, eles têm apontado para um escurecimento demográfico que tende a reforçar uma classificação racial dicotômica da população, quer que seja entre brancos e pretos (PETRUCCELLI, 2002; MARTELETO, 2012), quer seja entre brancos e negros como um todo (SOARES, 2008; CARVALHO; WOOD; ANDRADE, 2003). Também é crescente o entendimento de que tais classificações respondem a uma gama de critérios suscetíveis a circunstâncias diversas, não sendo, portanto, categorias estanques, frutos de identidades irreduzíveis (Cf. ROSEMBERG, 2004; BRANDÃO; MARINS, 2007).

No geral, a despeito de suas inegáveis contribuições, a maioria dessas pesquisas carece de dados longitudinais que permitam acompanhar uma mesma coorte ao longo dos anos. Acredita-se que esta tenha sido a maior contribuição deste estudo, que, mesmo tendo trabalhado com um período relativamente curto, conseguiu descortinar algumas razões por trás do crescimento numérico dos inscritos pretos e pardos no Enem, além de lançar luz sobre tendências de flutuações nas declarações raciais. Como vimos, mesmo não respondendo pela maior parte da presença de negros no Enem 2014, a reclassificação racial apresenta-se como um padrão perceptível em um intervalo de poucos anos: trata-se de uma estrutura social a ser mais bem descortinada em ulteriores estudos.

Entre as limitações do trabalho, a principal delas é a incapacidade de apreender como esses jovens e adultos se declaravam antes de terem se inscrito no Enem pela primeira vez. Trocando em miúdos, nossos dados não nos permitem captar uma eventual reclassificação racial que tenha ocorrido anteriormente à inscrição no exame. Mais pesquisas são necessárias para investigar tanto a reclassificação racial ao longo da escolarização básica, sobretudo entre estudantes do ensino médio, quanto para esmiuçar as motivações por trás das flutuações nas declarações raciais. Em continuidade a este trabalho, pretendemos estudar como o peso de cada um dos fatores analisados tem variado ao longo dos anos e, assim, estimar se tem havido uma tendência de intensificação na reclassificação racial, fato que traria mais evidências de um possível escurecimento da população em idade universitária. Fenômenos como esses podem nos ajudar a compreender como o sistema classificatório de cor/raça – aqui entendido como uma expressão das relações raciais da sociedade – tem respondido a variadas pressões sociais e políticas no cenário da educação superior que, por excelência, se encontra em permanente tensão.

Referências

ARTES, A.; RICOLDI, A. M. Acesso de negros no ensino superior: o que mudou entre 2000 e 2010. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 858-881, 2015.

BRAGA, M. M.; PEIXOTO, M. C. L. Expansão dos cursos noturnos na UFMG: uma política efetiva de inclusão social? In: PEIXOTO, M. C. L.; ARANHA, A. V. (Org.). **Universidade pública e inclusão social: experiência e imaginação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 92-118.

BRANDÃO, A. A.; MARINS, M. T. A. Cotas para negros no ensino superior e formas de classificação racial. **Educação e Pesquisa**, v. 33, n. 1, p. 27-45, 2007.

CARVALHO, J. A. M.; WOOD, C. H.; ANDRADE, F. C. D. Notas acerca das categorias de cor dos censos e sobre a classificação subjetiva de cor no Brasil: 1980/90. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 20, n. 1, p. 29-42, 2003.

DAFLON, V. T.; FERES JÚNIOR, J.; CAMPOS, L. A. Ações afirmativas raciais no ensino superior público brasileiro: um panorama analítico. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 148, p. 302-327, 2013.

GOMES, A. M.; MORAES, K. N. Educação superior no Brasil contemporâneo: transição para um sistema de massa. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 171-190, 2012.

LIMA, M.; PRATES, I. Desigualdades raciais no Brasil: um desafio persistente. In: ARRETCHE, M. **Trajetórias das desigualdades**: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. São Paulo: Editora Unesp/CEM, 2015. p. 163-189.

MARTELETO, L. J. Educational inequality by race in Brazil, 1982-2007: structural changes and shifts in racial classification. **Demography**, v. 49, n. 1, p. 337-358, 2012.

NEVES, C. E. B.; MARTINS, C. B. Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente. In: DWYER, T.; ZEN, E. L.; WELLER, W.; SHUGUANG, J.; KAIYUAN, G. (Org.). **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016. p. 95-124.

OSÓRIO, R. G. A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada. In: **Características étnico-raciais da população**: classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. (Estudos e Análises – Informação Demográfica e Socioeconômica – Número 2). Não paginado.

PETRUCCELLI, J. L. **A declaração de cor/raça no Censo 2000**: um estudo comparativo. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais, 2002. 24 p. (Texto para Discussão nº 6).

ROSEMBERG, F. O branco no IBGE continua branco na ação afirmativa? **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 61-66, 2004.

SENKEVICS, A. S.; MACHADO, T. S.; OLIVEIRA, A. S. **A cor ou raça nas estatísticas educacionais**: uma análise dos instrumentos de pesquisa do Inep. Brasília: Inep, 2016. 48 p. (Textos para Discussão nº 41).

SENKEVICS, A. S. **Cor ou raça nas instituições federais de ensino superior**: explorando propostas para o monitoramento da Lei de Cotas. Brasília: Inep, 2017. 56 p. (Textos para Discussão nº 43).

SOARES, S. A demografia da cor: a composição da população brasileira de 1890 a 2007. In: THEODORO, M. (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil**: 120 anos após a abolição. Brasília: Ipea, 2008. p. 97-117.